

## **EVOLUIR COM A SUPERVISÃO**

Ana Santos  
Agrupamento Vertical de Escolas Cego do Maio  
ana.maria\_23@hotmail.com

Maria Julieta Ferreira  
Agrupamento Vertical de Escolas da Junqueira  
julieta.ferreira@sapo.pt

Rosa Coelho  
Agrupamento Vertical de Escolas Cego do Maio  
rofernandescoelho@sapo.pt

### **Resumo**

Com base num problema real do nosso quotidiano profissional, foi desenvolvida uma experiência de supervisão colaborativa, no âmbito de um estudo de Mestrado, elaborada a partir da seguinte questão: Como gerir comportamentos perturbadores, no âmbito da sala de aula, potenciando a melhor aprendizagem possível a todos os alunos? É com o objectivo de conseguir a autonomia do professor e dos alunos, para um maior sucesso, que se dá o arranque desta experiência.

Partimos então para um estudo de caso, orientadas pelos princípios, valores e pressupostos do modelo reflexivo, da investigação-acção numa abordagem clínica da supervisão, por nos parecer que a combinação destas metodologias seria muito mais frutífera e viria ao encontro dos nossos objectivos de estudo.

Com este objectivo em mente foi realizado um estudo de caso: o aluno CC, a frequentar o ensino Pré-escolar num estabelecimento de ensino público. Para além da caracterização do caso em estudo, a apresentação visa discutir e problematizar o contributo que os projectos de intervenção educativa, sob a forma de supervisão colaborativa, podem dar na melhoria dos processos educativos e de desenvolvimento profissional.

### **Introdução**

Com base num problema real do nosso quotidiano profissional, surge a experiência de supervisão: como gerir comportamentos perturbadores, no âmbito da sala de aula, potenciando a melhor aprendizagem possível a todos os alunos. Perante esta dificuldade, o processo de supervisão acciona os seus mecanismos que vêm clarificar alguns aspectos da realidade que, pelas mais diversas razões – preconceitos, hábitos, rotinas – assumem para nós, docentes, outras dimensões. É com o objectivo de conseguir a autonomia do professor e dos alunos, para um maior sucesso, que se dá o arranque da experiência de supervisão.

## **Objectivos**

Encontrar espaços de manobra e de construção de mudança educativa é o grande desafio. O objectivo da nossa experiência de supervisão é de sermos capazes de articular a nossa acção educativa, na sala de aula, com a presença de alunos com comportamentos perturbadores, ou seja, alunos que não compreendem (baixa resistência à frustração) nem respeitam as regras da convivência social evidenciando uma forte oposição ao comando verbal. É importante este tema na medida em que estes comportamentos influenciam negativamente o decurso das actividades e porque surgem frequentemente ligados a quadros emocionais de ansiedade e desorganização externa e/ou interna. A Educação, de um modo geral, deve prever o acesso e o sucesso dos alunos durante o período escolar e ao longo da vida. Este comportamento, se não for visto com rigor, pode ter repercussões negativas ao nível da auto-estima e da aprendizagem. A Educação é para todos e cada um. Para estudar este comportamento, realizamos um estudo de caso, centrado na observação e registo do comportamento de um aluno, com os seguintes objectivos:

Compreender os comportamentos perturbadores;

Encontrar estratégias de acção de forma colaborativa;

Posicionar o professor face ao aluno;

Desenvolver a auto-regulação no professor;

Gerir comportamentos perturbadores em contexto educativo.

## **Método**

Partimos então para um estudo de caso, orientadas pelos princípios, valores e pressupostos do modelo reflexivo, e da investigação-acção numa abordagem clínica, por nos parecer que a combinação destas metodologias seria muito mais frutífera do que a utilização de apenas uma.

Para tal, foi necessário encontrar em cada uma as mais-valias que nos poderiam oferecer.

Para além da componente teórica, relativa à supervisão, foi necessária uma pesquisa no âmbito da educação especial, uma vez que o tema central desta experiência de supervisão é gestão comportamental.

O modelo reflexivo segundo Schön, referido por Alarcão e Tavares (2007) assenta no valor da reflexão na acção e sobre ela, com vista à construção situada do conhecimento

profissional que apelida de *epistemologia da prática*. Este modelo defende a supervisão como uma conexão entre o desenvolvimento individual e o desenvolvimento profissional no seu todo.

A sua aplicação pode ser feita numa abordagem colaborativa e essa é a nossa realidade. O professor e o supervisor precisam estabelecer uma relação afectivo-relacional positiva. Nesta

relação, Alarcão e Tavares (2007) defendem que deve existir uma atmosfera afectiva saudável, suportada em valores de entreatajuda, solidariedade, empatia e abertura.

Este modelo permite também que, através dos registos diários (observação do aluno), se faça escolhas de dados passíveis de ser interpretados em termos do seu significado. Este modelo também permite optar por uma relação colegial entre o supervisor e o professor, o que vai ao encontro das nossas expectativas.

A abordagem clínica é importante uma vez que nos fala duma base filosófica (valores éticos morais e sociais) que também interessa à investigação na nossa acção, já que é nossa preocupação, as necessidades do professor, mas também o seu desenvolvimento pessoal, o seu desenvolvimento conceptual e o estágio da sua carreira profissional, ou seja a forma como encara a sua situação profissional em termos de motivação, repensando a prática, potenciando diariamente as suas tarefas educativas.

Tal como nos diz Moreira, M.A. (2006) a investigação acção é validada como estratégia de renovação da acção educativa ao permitir a reflexão crítica sobre a acção profissional, em colaboração com outros actores educativos. O recurso à investigação acção numa orientação reflexiva crítica em articulação com uma pedagogia para a autonomia, tem constituído uma estratégia supervisora adequada à prossecução do objectivo de formar profissionais capazes de compreender os contextos em que actuam e aí intervir para melhorar as condições de aprendizagem dos seus alunos. No processo investigação acção há uma preocupação de compreensão dos contextos de actuação e de intervenção do professor e dos alunos nesses contextos, adquirindo um carácter emancipatório para ambos.

Com base nestes pressupostos teóricos, partimos para o estudo de um caso de um aluno (CC) que evidenciava comportamentos excepcionalmente preocupantes. O aluno CC frequenta o Pré-escolar num estabelecimento de ensino público. É uma EB1/JI com uma única turma de pré-escolar com 25 alunos de 5 anos. O aluno CC usufrui da oferta em actividades de apoio à família, almoço e prolongamento de horário (CAF). Está inserido num meio urbano periférico em que o nível socio-económico é médio/baixo. Filho único, de 4 anos de idade com pais separados, na faixa etária dos 26 anos. A mãe trabalha e o pai está recluso. Esta família tem características *sui generis*, uma vez que este aluno vive com a mãe durante a semana e aos fins-de-semana vai para casa dos avós paternos e visita o pai no «hospital». Ao nível do comportamento emocional verifica-se instabilidade afectiva, stress, ansiedade e graus de internalidade pouco ajustados. É o primeiro ano de frequência no Pré-escolar e mostra-se interessado e receptivo a novas aprendizagens, mas parece apresentar níveis de auto-estima debilmente elaborados, exibindo comportamentos popularmente apelidados como: «arma-se em

esperto» «palhaço» e exhibe atitudes descontextualizadas (canta na hora da história, está de pé quando todos estão sentados...).

Para além do aluno, foram participantes no estudo, uma das autoras enquanto educadora do aluno, sendo que as restantes duas actuaram como supervisoras numa relação interpares.

Para a nossa experiência elegemos as seguintes estratégias:

O trabalho colaborativo entre três docentes: a educadora supervisionada, uma colega supervisora com formação específica em problemas de aprendizagem e comportamento (Educação Especial) e a terceira colega, com formação de base específica de primeiro ciclo, que assumiu o papel de observadora e colaboradora na construção da experiência;

O registo contínuo, num período de tempo que permita descrever os diferentes aspectos do contexto dos comportamentos (observação naturalista);

Quantificação de comportamentos através do registo de frequência e/ou duração, em vários locais que a criança frequenta em contexto educativo;

Identificação do que se passa em torno do aluno, que possa estimular ou contribuir para os comportamentos perturbadores que exhibe;

Reflexões sobre a prática da acção educativa;

Protocolos de encontros de supervisão.

Os instrumentos a utilizar, com os pais e outros agentes educativos foram:

A anamnese

Entrevistas não dirigidas

Grelhas de registo (dos alunos)

Ficha de observação em contexto (da educadora)

Assim a nossa experiência desenvolveu-se e foi crescendo ao longo do tempo da seguinte forma (v. Quadro 1):

	1º Momento	Observação em contexto Urgência de soluções
1ª Fase	2º Momento	Procura de parcerias Duas colegas supervisoras, uma do ensino especial (supervisora) e outra de ensino regular (par observadora e colaboradora na construção da experiência) Registos dos incidentes críticos Observação naturalista Checklists 1º Protocolo de supervisão*
2ª Fase	3º Momento	Observação e registo em contexto de sala de aula (colega supervisora com especialização)
3ª Fase	4º Momento	2º Protocolo de supervisão* (com a colega observadora -a colega supervisora e a educadora)
	5º Momento	Observação sistemática do comportamento mais perturbador durante 30m, num período de 20 dias – esta observação obedece a um programa de modificação de comportamentos
	6º Momento	3º Protocolo de supervisão* (com a colega observadora, a colega supervisora com formação específica em Educação Especial e a educadora supervisionada)
4ª Fase	7º Momento	Aplicação do plano de intervenção Registos das modificações de comportamento
5ª Fase	8º Momento	4º Protocolo de supervisão*

**Quadro 1: Fases do estudo**

\* Entenda-se, por protocolo de supervisão, o registo de uma conversa de tom informal, mas intencional e reflexivo, onde a educadora supervisionada expõe os problemas e dificuldades que sente com as colegas supervisoras, avançado qualitativamente na experiência.

## **Resultados**

De uma forma sucinta podemos dizer que os resultados conseguidos com esta experiência de supervisão foram:

- A educadora supervisionada adquiriu mais segurança na sua acção;
- O aluno alterou o comportamento;
- A educadora supervisionada consegue fazer as suas escolhas sozinha;
- A relação entre todos os intervenientes foi de confiança e abertura;
- A educadora supervisionada consegue atender a individualidade;
- As colegas supervisoras conseguiram ajudar a educadora supervisionada a encontrar soluções;
- A educadora supervisionada consegue perceber melhor o comportamento perturbador;
- A educadora supervisionada fica mais confiante e segura nas abordagens profissionais;
- A educadora supervisionada aplica as estratégias e os instrumentos escolhidos aquando os protocolos de supervisão;
- A percepção da dimensão do comportamento do aluno foi diluindo numa acção colaborativa;
- A equipa conseguiu desenvolver estratégias e construir instrumentos de acção eficazes;
- Os instrumentos de intervenção foram aplicados e ajudaram à percepção dos contextos;
- A educadora supervisionada conseguiu delimitar o problema mais relevante;
- A educadora supervisionada percebeu que também tinha que alterar comportamentos seus;
- A educadora supervisionada alterou comportamentos depois de uma acção colaborativa reflexiva de todos os intervenientes;

Relativamente ao que eram as nossas expectativas para este estudo e as nossas realizações, podemos afirmar que elas foram alcançadas e até superadas, como se poderá ler no Quadro 2.

<b>A escolha</b>	<b>O que pretendíamos (as expectativas)</b>	<b>O que conseguimos (resultados)</b>
<b>Modelo reflexivo</b>	Desenvolver a reflexividade profissional; Melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos; A autonomia do educador e dos educandos; Uma relação afectivo-relacional positiva entre a educadora e as colegas supervisoras; Construir a partir da reflexão crítica, uma acção contínua da identidade individual. Desenvolver a auto e hetero supervisão entre as três intervenientes,	A educadora conseguiu ter mais segurança na sua acção; O aluno alterou o comportamento A educadora supervisionada consegue fazer as suas escolhas sozinho; A relação entre todos os intervenientes foi de confiança e abertura; A educadora supervisionada consegue atender a individualidade; As colegas supervisoras conseguiram ajudar a educadora a encontrar soluções
<b>Abordagem clínica</b>	Melhorar a prática e a aprendizagem dos alunos. Uma relação de natureza colegial Responder às necessidades da educadora A confiança entre as colegas supervisoras e a educadora Estimular o debate aberto e o desenvolvimento da partilha; Tornar a educadora supervisionada condutora da sua própria actividade; Ajudar a educadora supervisionada a ser eficaz e responsável;	A educadora supervisionada consegue perceber melhor o comportamento perturbador A educadora supervisionada fica mais confiante e seguro nas abordagens profissionais; A educadora supervisionada aplica as estratégias e os instrumentos escolhidos aquando os protocolos de supervisão; A educadora supervisionada consegue ser eficaz pois tem mais confiança e o comportamento do aluno altera
<b>Investigação acção</b>	Dar especialmente atenção à sala de aula e aos processos de ensino/aprendizagem, visando a melhoria educativa; Trabalhar em equipa, onde a participação e a colaboração assumem um papel activo na construção do conhecimento profissional; Articular a investigação e ensino, teoria e prática, reflexão e acção, potenciando a autonomia e a emancipação dos professores Compreender os contextos de actuação e de intervenção do professor e dos alunos nesses contextos	A percepção da dimensão do comportamento do aluno foi diluindo numa acção colaborativa; A equipa conseguiu construir estratégias e instrumentos de acção eficazes; Os instrumentos de intervenção foram aplicados e ajudaram à percepção dos contextos
<b>A observação</b>	Ter consciência do risco da percepção individual e do saber em relação aquilo que se observa; Analisar e reflectir sobre a forma como o professor e o aluno adoptam os seus saberes em contexto social; Descrever e compreender acontecimentos	A educadora supervisionada conseguiu delimitar o problema mais relevante; A educadora supervisionada percebeu que também tinha de alterar comportamentos; A educadora supervisionada alterou comportamentos depois de uma acção colaborativa reflexiva de todos os intervenientes;

**Quadro 2: Relação entre expectativas e resultados**

## **Conclusões**

A cultura das escolas, hoje, apresenta-se entre o individualismo e a colaboração. Nós, professoras, queixamo-nos de sobrecarga de trabalho fragmentado e isolado, pois contamos muito pouco com as oportunidades de reflexão. Parece-nos fundamental que o futuro precisa que os professores façam introspecção, que realizem a reflexão na acção, sobre ela e para ela, que não tenham receios de correr riscos. É primordial o tempo de trabalho com o grupo e o tempo de trabalho individual, mantendo a coragem e o compromisso da reflexão.

Transformar, implica também aceitar que a reflexão se realiza com informação escassa e que é urgente começar ou continuar a aprendermos uns com os outros e criar um saber e um saber fazer com qualidade. É preciso entender que, tal como referimos, a mudança é um processo no tempo que implica acções de apropriação, mas também de resistência por parte dos actores.

O caminho para transformar/mudar significa também, alterar as regras do jogo, aprender novos códigos, desnaturalizar ou reflectir sobre o que é habitual, sobre aquilo que achamos saber.

Toda a transformação começa em cada um de nós. A pergunta central é: como articular a dimensão individual com a social, as mudanças na escola e nos sistemas educacionais?

O trabalho desenvolvido provou-nos que os projectos de intervenção educativa resultam quando a sua organização assume a forma de supervisão colaborativa e interpares. A experiência foi sendo construída numa perspectiva inovadora para todos intervenientes do grupo. Tínhamos experiências de supervisão no passado, mas não de uma forma pensante, reflectida e consciente da acção. A experiência foi-se desenvolvendo num espírito de descoberta de novas formas de reconstruir o saber e a prática.

Todas temos domínios de formação ligeiramente diferentes, mas estamos unidas na mesma atitude: o desejo de aprender e (re)aprender, de inovar, de experimentar fazendo.

Esta experiência de supervisão proporcionou-nos ainda espaços de meditação individual, a renovação e o reencontro com os livros, com os fundamentos teóricos agora aplicados. Em grupo, partilhámos a origem das dúvidas, até agora assumidas como certezas, dividimos preocupações, reflectimos, experimentámos, voltando ao início, numa abordagem cíclica, investigativa e auto-reflexiva da experiência vivida.

Conseguimos, cada uma, mas com a colaboração de todas, melhorar a capacidade e o rigor da observação e de avaliação, atribuindo-lhe preponderância fundamental no processo de mudança da prática. Esta experiência possibilitou também a partilha de experiências anteriores, algumas delas sem nome – passaram a poder ser nomeadas e conceptualizadas a partir daqui. Intencionalizámos a nossa acção, confiando no saber e na experiência dos pares.

Devemos acrescentar finalmente que esta experiência criou laços de amizade e identificação pessoal muito gratificantes, que só o trabalho cooperativo aprofunda.

Temos consciência da dificuldade de aprofundar a reflexão e de contagiar a necessidade da partilha em grupo alargado de escola, mas temos a certeza de que a mudança é uma estrada longa, percorrida em pequenos grupos. Nem todos mudam ao mesmo tempo; basta que alguns não desistam de promover a mudança. O futuro é o tempo de transformação.

Será este o caminho? Pode ser este, outro, ou vários!... Imprescindível será que os caminhantes se encontrem num lugar estratégico, onde todos ambicionemos fazer melhor.

### **Bibliografia**

ALARCÃO, I. (org.) (1996). *Formação reflexiva de professores - estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

ALARCÃO, I. e TAVARES, J. (1987, 2.<sup>a</sup> ed. 2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

FERNANDES, M.I. (s/d). *Prática reflexiva no ensino da Matemática mediada por um software*. Bahia: Fundação Visconde de Cairu.

GONÇALVES, O.(1990). *Terapia Comportamental*. Porto: Ed. Jornal de Psicologia

LOPES, J. A. (2002). *Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem e Problemas de “Ensinar”* (2<sup>a</sup>ed.). Coimbra: Quarteto.

JIMENEZ RAYA, M.; LAMB, T. & VIEIRA, F. (2007). *Pedagogy for autonomy in language education in Europe – towards a framework for learner and teacher development..* Dublin: Authentik.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2002) (Org.), *A supervisão na formação de professores (I: da sala à escola; II: da organização à pessoa)*. Porto: Porto Editora.

MOREIRA, M. A. e ALARCÃO, I. (1987). *A investigação acção como estratégia de formação inicial dos professores reflexivos*, In I. Sá-Chaves – *percursos de formação e desenvolvimento profissional*. Porto: Porto Editora (p. 171 -189).

RIBEIRO, C. (2003). *A supervisão dos incidentes críticos à luz do modelo reflexivo*. *Revista portuguesa de Clínica Geral*, nº 19, 650-652.

RIBEIRO, D.; CLARO. L.; NUNES. S. (2007). Diários colaborativos de formação: a co-construção de saberes profissionais pela pluralidade de sentidos. In A. Barca; M. Peralbo; B. Duarte da Silva & L. Almeida (eds.), *Libro de Actas do Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía*, A Coruña/ Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación, CD ROM.

SILVA, J. C. (1998). *Métodos Comportamentais na Aprendizagem*. Porto: Escola Superior de Educação do Porto.

SPINTHALL, S. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.

VASCONCELOS, C.C. (s/d). *A reflexão: um elemento estruturador da formação de professores*. Escola Superior de Educação de Viseu. Viseu.

VIEIRA, F.; MOREIRA, M.A.; BARBOSA, I. & PAIVA, M. & FERNANDES, I.S. (2006). *No caleidoscópio da supervisão. Imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedago.

VIEIRA, F. (2008) (Org.) (2008), *Cadernos 5- Grupo de Trabalho-Pedagogia para a Autonomia*. Departamento de Metodologias da Educação. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. Braga.

ZEICHNER, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.